

O IDOSO ASILADO: A SUBJETIVIDADE INTRAMUROS. Nayara de Paula Faleiros, José Sterza Justo. – Psicologia (3.19) – Psicologia – Departamento de Psicologia Evolutiva, Social e Escolar – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O fenômeno do envelhecimento da população brasileira fomenta preocupações cada vez maiores no sentido de assimilar esse segmento de forma mais adequada nas diversas áreas da vida social.

O Brasil, segundo dados do censo feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2000, tem aproximadamente 170 milhões de habitantes, sendo que cerca de 20% tem idade superior a sessenta anos. Estima-se que em 2025 o Brasil seja o sexto país do mundo em quantidade de pessoas nesta faixa etária.

Esse interesse pela compreensão do processo de envelhecer, segundo Ariès (1981), remonta ao século VI a.C, quando os filósofos jônicos já descreviam a vida humana em períodos delineados. Posteriormente, este sistema das “idades da vida” foi adotado nos escritos bizantinos da época medieval e nos primeiros livros científicos datados do século XVI. A partir da década de 50, a Psicologia do envelhecimento, a Geriatria e a Gerontologia adquiriram maior visibilidade no campo científico e procuram, por meio do desenvolvimento de pesquisas diversas, desconstruir a imagem estereotipada da velhice que ainda permeia o imaginário social e considera o idoso inútil, incapaz, improdutivo, dependente, etc. apesar disso, muitas famílias optam por deixar seus idosos aos cuidados de instituições de longa permanência, os asilos.

A prática da institucionalização da velhice no Brasil iniciou-se em meados do século XIX, sendo o Asilo São Luiz para a Velhice Desamparada, fundado em 1890 na cidade do Rio de Janeiro/RJ, a primeira instituição voltada especificamente para tais cuidados. (GROISMAN, 1999)

Exemplo clássico de instituição total (GOFFMAN, 1999), o asilo é um local que tende ao “fechamento” e que agrega em um único espaço as três esferas da vida – dormir, brincar e trabalhar – normalmente realizadas em lugares diferenciados. As atividades cotidianas nesse tipo de estabelecimento fazem parte de uma certa planificação, que objetiva cumprir a “missão” institucional: oferecer apenas os cuidados “(...) suficientes às pessoas que estejam em seus últimos dias de vida” (DAVIM, TORRES, DANTAS et al., 2004, p.521). Além disso, raramente há um grupo de funcionários-cuidadores que não associem doença e velhice, resultando em práticas infantilizadoras e exacerbanes.

A manutenção rígida do cotidiano asilar, pautado na ampla tutela dos indivíduos, restringe a livre circulação, as possibilidades de contato social amplos e a vida afetivo-sexual ativa. Essa padronização das vivências, muitas vezes despojando-as de prazer e importância, associada ao próprio confinamento, acentuam o isolamento, a apatia e o desinteresse dos residentes.

Dentro desse contexto e apoiados na literatura concernente, desenvolvemos a presente pesquisa com idosos residentes numa instituição asilar na cidade de Assis/SP. Nosso objetivo foi verificar, através da fala dos próprios idosos, as representações que tinham a respeito de si mesmos e da instituição em que viviam – por meio de imagens, idéias e sentimentos. Procuramos também mapear as possíveis relações entre estas representações e o processo de institucionalização pelo qual passam.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com vinte e um sujeitos, oito mulheres e treze homens, com idades entre cinquenta e cinco e cem anos, moradores efetivos da instituição asilar. Naquele momento, a mesma abrigava cerca de quarenta e cinco residentes. Todos os entrevistados atendiam ao critério de pleno domínio de fala e cognição e concordaram em participar da pesquisa nos termos da resolução CNC 196/96.

Formulamos as questões das entrevistas com o intuito de promover um conhecimento e uma compreensão adequada da pessoa entrevistada e da situação que pretendíamos estudar, dividindo-as em dois momentos: no primeiro primamos pela identificação e caracterização dos sujeitos,

questionando-os sobre a composição familiar originária, rotina e convivência social. No segundo momento os questionamos sobre a trajetória de vida, buscando apreender seus conceitos de vida/morte e sociabilidade/solidão enquanto indivíduos asilados. As entrevistas foram gravadas em fita para que detalhes verbais como hesitações, por exemplo, não fossem omitidos no decorrer da pesquisa.

Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo baseada em Bardin (1970) que propõe três etapas para sua realização. Na primeira, a pré-análise, fizemos uma leitura prévia para conhecimento dos conteúdos das entrevistas, organizamos os dados coletados e sistematizamos as idéias iniciais com vistas a um plano de análise. Elaboramos também, orientados pelos objetivos da pesquisa, os indicadores, fazendo os recortes necessários para que os dados pudessem ser categorizados. Na segunda etapa, a exploração do conteúdo, transformamos os dados brutos colhidos nas entrevistas em representações claras do conteúdo destas e, a partir de suas características principais, procuramos categorizá-los, ou seja, agrupá-los por analogia segundo o campo de significação delimitado em cada categoria. Por último, no tratamento dos resultados, fizemos a interpretação dos dados com o objetivo de mapear as representações expressas pelos sujeitos.

Propusemos, ao todo, cinco grandes categorias. Na primeira, **Motivos e iniciativa para o asilamento**, agrupamos as unidades que diziam respeito não só às razões que os idosos apresentaram para seu asilamento, mas também à indicação do sujeito dessa iniciativa: familiares, amigos, ex-patrões, etc. A segunda categoria, **Mudanças sentidas pelo asilamento**, se referiu à confrontação da vivência após a institucionalização e a anterior a esta, ponderando-se as distinções sentidas e percebidas. Na terceira, **Relacionamento estabelecido com a estrutura asilar**, evidenciamos os sentimento de pertença ou não pertença dos idosos à instituição asilar e os possíveis vínculos afetivos que lá são desenvolvidos entre os residentes e entre estes e os funcionários. Na quarta categoria, **Contato mantido com o mundo externo**, apresentamos as atividades que direta ou indiretamente aproximam os residentes do cotidiano exterior à instituição. Na quinta e última, **Perspectivas futuras**, reunimos as representações que os idosos fizeram em relação ao porvir. Percebemos que foi a que obteve maior variedade e conseqüente distribuição de unidades expressivas.

A partir da análise dos dados obtidos podemos dizer que as percepções dos idosos sobre o envelhecimento e as condições de vida no asilo são heterogêneas. Os entrevistados percebem o processo de asilamento a que são expostos e o demonstram em suas repostas, seja utilizando assertivas curtas ou a contraposição das cotidianidades - anterior e posterior à institucionalização.

Essa heterogeneidade encontrada é própria do processo de envelhecimento, uma vez que esses modelos diferenciados de compreensão da realidade advêm do conteúdo individual das experiências de vida do sujeito, que, juntamente com as expectativas sociais, constituem a identidade pessoal. (DUARTE, 1999; MEDRADO, 1996)

Um dos fatos que mais chamou nossa atenção foi uma grande parte dos idosos ter afirmado estar satisfeita e adaptada ao cotidiano asilar, marcado por rotina rígida em horários e afazeres, que reduzem a vida a praticamente comer e dormir. Em contrapartida, porém, fazem uma constante menção ao “ter que se acostumar” à vida que têm, demonstram apatia durante a realização de atividades como alimentação ou conversas, procuram se isolar dos outros residentes e comentam o ressentimento que têm frente ao afastamento do externo, visível pelas poucas visitas que recebem e passeios que fazem. Poucos idosos disseram ter esperanças de retornar ao mundo externo, realizando as costumeiras atividades ou até algo diferente, apesar de sentirem que dificilmente sairão dali.

Esses discursos de aparente satisfação ou resignação podem ser problematizados a partir dos questionamentos de Jordão Netto (1986), que propõe as seguintes disposições de idéias, não excludentes entre si: ou o idoso sente-se receoso em criticar a instituição por crer que isto poderá prejudicá-lo, de alguma forma, junto aos dirigentes; ou o fato de terem sido, em geral, pessoas

social, política e economicamente pouco participativas faz com que percebam o asilo como um prolongamento dessa situação, onde possuem ainda estabilidade e segurança.

Acreditamos que o processo de asilamento se relaciona intimamente com essa representação conflituosa de si. Por um lado sentem-se acolhidos pela instituição porque não ocupam mais um lugar na rede relacional comunitária em que estavam inseridos, recebendo cuidados essenciais à sua sobrevivência (CANOAS, 1983); por outro se sentem marginalizados em relação a esse mesmo meio social, carentes do contato com os outros e de exercerem ativamente sua cidadania, liberdade de ir e vir, de se expressar, de tomar decisões, etc.

A permanência na instituição asilar foi colocada no extremo oposto da vivência laborativa realizada antes do internamento. Uma vez asilados, poucos idosos entrevistados desenvolvem alguma atividade que lhes desperta prazer ou que lhes exige certa dose de esforço pessoal e perspectivas futuras. Aqueles que a fazem se encontram em claro contraste com uma estrutura estagnante, que cultiva a idéia de que o asilo é apenas um “lugar de descanso” e que estar lá significa “estar fora do mundo”, não restando mais o que fazer.

Vale ressaltar aqui que essa oposição – válidos e inválidos – quanto à capacidade física foi uma das justificativas utilizadas no início do século XX no Brasil para a consolidação do asilo como instituição de assistência aos velhos “desamparados”, pessoas que por terem suas condições físicas para o trabalho diminuídas eram vistas então como incapazes de realizá-lo da forma como até o momento tinham feito. (GROISMAN, 1999)

Muitos idosos abraçam essa idéia de invalidez e mergulham num estado depressivo ao visionarem apenas as perdas e faltas constantes e procuram, então, se reafirmar a partir da própria doença.

A partir dessa pesquisa, podemos concluir que os idosos apresentam diferentes percepções em relação a si e ao processo de institucionalização por que passam. Poucos o apontaram claramente, nomeando os aspectos positivos e negativos como “a comida é que é ruim”, “o isolamento é a parte ruim”, “os cuidados médicos são bons. Procuraram, em geral, apresentar comparações entre a vida anterior à entrada no asilo e a vivida atualmente, associadas a expressões indefinidas como “tudo mudou”, “muita coisa”, “tudo é pior”, etc, para demonstrar que percebam as diferenças ocorridas em suas vidas, mesmo que silenciosa e passivamente.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, P. As idades da vida. In: _____. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981, p. 29-50.

BACELAR, R. *Envelhecimento e produtividade: processos de subjetivação*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Atranches – FASA, 1999.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BIRMAN, J. O futuro de todos nós. In: _____. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo: Ed 34, 1997.

CANÔAS, C. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez, 1983.

COELHO, M. *A percepção de tempo futuro em idosos não asilados e asilados*. 1990. 136f. Dissertação (mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CRUZ, M. *O idoso e a estimativa do tempo*. 1987. 210f. Tese (doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

DAVIM, R.; TORRES, G.; DANTAS, S. *et al.* Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. *Ver. Latino-Am. Enfermagem*. [online] maio/jun.2004, vol.12, no.3, p. 518-524. Disponível na World Wide Web: www.scielo.br . Acesso em 20 abr. 2005.

DEBERT, G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Fapesp, 1999.

DELEUZE, G. Posdata sobre las sociedades de control. In: FERRER, C.(org.) *El lenguaje libertario 2: filosofía de la protesta humana*. Montevideo, Piedra Libre, 1991, p.17-23.

DUARTE, L. Terceira Idade-senectude: uma questão de idade ou uma mera questão referencial? *Psicol. Argum.*, vol 17, no.25, p. 133-146, out. 1999.

GARRETT, A. *A entrevista, seus princípios e métodos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1967.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GROISMAN, D. *A infância do asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro na virada do século*. 1999. 120f. Dissertação (mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

HADDAD, E. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

LODI, J. *A entrevista: teoria e prática*. São Paulo: Pioneira, 1971.

MEDRADO, B. O idoso e a representação de si. *Psic. Rev.*, São Paulo, vol 2, p. 99-118, maio 1996.

NERI, A. (org) *Psicologia do Envelhecimento*. Campinas: Papirus, 1995.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, S. *Corpo tutelado da velhice*. 1983. 203f. Dissertação (mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1983.

SIMÕES, R. *Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso*. 3. Ed. Piracicaba: Editora Unimep, 1998.

VERAS, R.; RAMOS, L.; KALACHE, A. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. *Ver. Saúde Pública*. [online]. Jun 1987, vol. 21, no.3, p. 225-233. Disponível na World Wide Web: www.scielo.br . Acesso em 20 abr. 2005.

VIEIRA, R. “Há” vida depois do asilo. *Psique*, Belo Horizonte, vol 10, no.16, p. 78-95, maio 2000.

Bolsa: FAPESP